

Transfeminismo em rede: A construção narrativa e social da mulher transgênero, em torno da adaptação cinematográfica: “A Garota Dinamarquesa”¹

Vitória Marcelino de CARVALHO²

Nicoli TASSIS³

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

A pesquisa investiga a construção narrativa da mulher trans, a partir do filme “A Garota Dinamarquesa”. Interessa-nos, especialmente, observar em que medida esse produto cinematográfico tenciona valores, estereótipos e práticas sociais excludentes. Faz parte também do *corpus* ampliado as conversações impulsionadas na ambiência digital em torno da obra. Como percurso teórico-metodológico, nos respaldamos nos estudos de gênero e narrativa, desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade (Narra / UFU). O trabalho se encontra em fase de revisão bibliográfica e mapeamento empírico. Espera-se contribuir para a reflexão crítica em torno das violências que historicamente têm silenciado e negado a existência dessas mulheres e imposto sobre elas padrões cisgêneros, assim como reverberar o espaço do movimento do transfeminismo, que têm deslocado sentidos e impulsionado outras formas de (re) existência.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres trans; Gênero; Narrativa; Transfeminismo; Lili Elbe.

INTRODUÇÃO

Um dos casos mais emblemáticos sobre pessoas que não se identificam com o gênero atribuído ao nascer é a trajetória que inspirou o filme “A Garota Dinamarquesa” (Tom Hooper, 2015). A obra se trata de uma adaptação do romance homônimo de David Ebershoff, lançado em 2000. Ambos são inspirados em parte da biografia da artista dinamarquesa Lili Elbe, conhecida por ser uma das primeiras a fazer cirurgias para a redesignação sexual, se tornando um ícone da luta pelo reconhecimento da diversidade de gênero.

No enredo do filme, ela começa como Einar Mogens Wegener, nome dado em seu nascimento, estando em um relacionamento heteromativo com sua esposa Gerda

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023

² Graduanda do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, email: vitoria.m.carvalho1@ufu.br

³ Orientadora do trabalho. Docente do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, do PPGLIT / UFU e do PPGCE (UFU). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Narra. email: nicoli.guedes@ufu.br

Wegener, também artista. A questão da transexualidade começa a emergir quando, para concluir uma pintura, Gerda pede ao marido para se vestir com acessórios considerados femininos - meia calça e sapatos, enquanto segura um vestido próximo ao corpo. Após essa experiência, Einar começa a questionar a sua identidade de gênero e, gradativamente, passa a se entender como uma mulher. A partir de então, o espectador começa a acompanhar os passos da protagonista para se afirmar como Lili Elbe, para si mesma e para a sociedade de seu tempo.

OBJETIVOS

O debate sobre a legitimidade da construção das identidades de gênero tem ganhado espaço na perspectiva social contemporânea, tanto como objeto de pesquisa, quanto nas pautas sociais em geral. Esta pesquisa, em particular, é orientada pelo seguinte questionamento: como é construída a identidade transexual em “A Garota Dinamarquesa?”. Interessa-nos analisar, especialmente, como a narrativa audiovisual articula as disputas e tensões em torno da protagonista, diante de valores que historicamente negam, excluem e silenciam, tanto as mulheres transgênero, quanto também se conecta com a relação e imposições de papéis limitadores atribuídos às mulheres, ao longo dos tempos.

A pesquisa tem também como objetivo analisar criticamente os processos de legitimação e representatividade rumo à construção da identidade das mulheres trans. Para tanto, buscamos entender como o filme narra a trajetória da protagonista durante sua jornada de redesignação de gênero e seus esforços para alcançar o reconhecimento como mulher em seu tempo. Desse modo, visamos problematizar as violências que têm silenciado e negado existências, principalmente das mulheres trans, as quais ainda se encontram em um cenário de marginalidade, estereotipização e um ciclo de invalidação.

PRIMEIRAS QUESTÕES

Para Butler (2010), não existe um único sujeito do feminismo. Ou seja, falar sobre a formação de uma identidade coesa que representaria a totalidade do “ser mulher” na luta política em busca da transcendência como sujeito, se torna, muitas vezes, um processo tão violento e silenciador de existências, quanto às estruturas de uma sociedade patriarcal, machista e misógina, que os movimentos feministas buscam

enfrentar. Em suas análises relacionadas às questões de gênero, a autora se contrapõe à construção de uma identidade definida e genérica, refutando a clássica dualidade entre gênero (social) e sexo (biológico), que tem respaldado parte dos estudos feministas, ao longo dos tempos. Por meio dessa inquietação, acreditamos ser possível também refletir sobre o espaço do transfeminismo, dentro dos movimentos, rumo a uma discussão mais plural.

[...] já não está claro que a teoria feminista tenha que tentar resolver as questões da identidade primária para dar continuidade à tarefa política. [...] Que formas novas de política surgem quando a noção de identidade como base comum já não restringe o discurso sobre políticas feministas? E até que ponto o esforço para localizar uma identidade comum como fundamento para uma política feminista impede uma investigação radical sobre as construções e as normas políticas da própria identidade? (BUTLER, 2010, p. 9-10).

Nesse ponto, emergem várias questões. Nos debatemos com os diversos sentidos de feminilidade que têm historicamente atribuído certas qualidades, agires e performances preferenciais ao que se reconhece como a “mulher ideal”, em dada sociedade e tempo; ao passo de que também buscamos refletir sobre como, muitas vezes, as mulheres trans parecem atravessadas por essas questões limitadoras, tentando se encaixar em padrões pré-estabelecidos, materializados em diversas disputas e tensionamentos sociais.

Na narrativa do filme em questão, vemos muitas escolhas que evocam essas contradições. Destacamos, por exemplo, que a obra cinematográfica escolhe narrar a trajetória de Lili rumo à redesignação sexual, como um processo totalmente validado e acompanhado pela esposa Gerda. Contudo, o relato histórico em torno da protagonista revela que elas, na verdade, se divorciaram em 1930 e que a partir de então, seguiram caminhos separados. Nesse ponto, não se trata de pleitear a fidedignidade da obra ficcional à biografia de Lili, mas, de pensar sobre o quanto a sua trajetória se sustenta nas telas no reconhecimento externo. É como se a sua condição como mulher só pudesse se validar, na medida em que fosse irrestritamente aceita por sua ex-esposa.

Diante desse pequeno fragmento do filme e das inúmeras questões que se desdobram a partir dele, nos alinhamos com o pesquisador brasileiro Bruno Leal (2022), que busca situar a narrativa antropologicamente, ou seja, compreende o ato de

narrar como um exercício de atribuir sentidos ao mundo, aos acontecimentos e às pessoas. Então, o modo como escolhemos relatar algo não diz respeito apenas aos fatos, personagens e ambientações como elementos separados, mas, principalmente, se oferta como maneiras de agir, que no horizonte contribuem para as dinâmicas das relações culturais e das experiências humanas (LEAL, 2022, p. 16).

Além de ancorar a trajetória de Lili à aprovação de sua ex-esposa, destacamos também o modo de relatar o seu novo relacionamento com o francês Claude Lejeune, com quem tinha o desejo de se casar e ter filhos. Importante refletir que, ao buscar socialmente a sua transcendência enquanto mulher, a protagonista busca transformar o próprio corpo, interna e externamente, por meio da cirurgia de implantação de um útero e construção de uma vagina, ambos procedimentos experimentais na época, que após uma série de complicações acarretou na sua morte, três meses depois. Nesse ponto, percebemos que a pressão social para que a mulher fosse reconhecida pelos papéis de mãe e esposa também atravessam a existência de Lili como uma mulher trans e a sua busca por reconhecimento e validação. Pontos esses que poderiam evidenciar ações atreladas tanto à função social do gênero como a questões de identidade pautadas ainda no espectro binário.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da presente proposta de investigação, partimos de uma revisão bibliográfica e das reuniões do grupo de pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a fim de mapear as principais relações entre os estudos de gênero, narrativa e dos sentidos de feminilidade.

Como visada teórica-metodológica, admitimos o gênero como uma “figura de historicidade” (Ribeiro, Leal e Gomes, 2017), ou seja, como uma imagem conceitual capaz de, em um duplo movimento, nos ajudar a perceber as questões temporais que atravessam e constituem a trajetória de mulheres trans, a presença delas na sociedade e o transfeminismo.

Diante disso, nos alinhamos com a compreensão de que os processos de construção e (re)afirmação identitários e quebra de hegemonias redutoras se estabelecem como lugares de variadas disputas, subjugações e potências de transformação, que se dão não só pela força, mas, principalmente, pelas tensões de

ordem simbólica (BUTLER, 2003; BOURDIEU, 2014), que buscaremos problematizar mais ao longo do trabalho.

CONSIDERAÇÕES EM ANDAMENTO

Em suma, acreditamos que esse estudo pode contribuir para a reflexão em torno da diversidade de gênero, dos conceitos ligados à figura das mulheres em suas múltiplas existências, que historicamente têm conformado certas identidades preferenciais em torno do “ser mulher” e “tornar-se mulher”, em detrimento de tantas outras perspectivas, como é o caso das mulheres trans. Ao observarmos, à luz das teorias sobre gênero e dos estudos feministas, as principais performances em torno do ser mulher em disputa no circuito sociocultural, ao longo dos tempos, buscamos trilhar um caminho para a construção tanto de estudos, quanto convívio em uma sociedade mais altera, respeitosa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16º ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. 1ª ed. São Paulo: Autêntica, 2015.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo**: teorias e práticas. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2014.

LEAL, Bruno Souza. **Introdução às narrativas jornalísticas**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2022.

NASCIMENTO, Leticia. **Transfeminismo**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.